



DUAS DE LETRA  
GRUPO DE LEITORES FPIE

JANEIRO 2017

GUIA DE LEITURA

APRENDER A REZAR NA ERA DA TÉCNICA – GONÇALO M.  
TAVARES



**Biografia:** Gonçalo M. Tavares nasceu em 1970. Desde 2001 publicou livros em diferentes géneros literários e está a ser traduzido em mais de 50 países. Os seus livros receberam vários prémios em Portugal e no estrangeiro. Com *Aprender a rezar na Era da Técnica* recebeu o Prix du Meilleur Livre Étranger 2010 (França), prémio atribuído antes a Robert Musil, Orhan Pamuk, John Updike, Philip Roth, Gabriel García Márquez, Salman Rushdie, Elias Canetti, entre outros. Alguns outros prémios internacionais: Prémio Portugal Telecom 2007 e 2011 (Brasil), Prémio Internazionale Trieste 2008 (Itália), Prémio Belgrado 2009 (Sérvia), Grand Prix Littéraire du Web – Culture 2010 (França), Prix Littéraire Européen 2011 (França). Foi também por diferentes vezes finalista do Prix Médicis e Prix Femina. *Uma Viagem à Índia* recebeu, entre outros, o Grande Prémio de Romance e Novela APE 2011. Os seus livros deram origem, em diferentes países, a peças de teatro, dança, peças radiofónicas, curtas-metragens e objetos de artes plásticas, dança, vídeos de arte, ópera, performances, projectos de arquitectura e teses académicas.

**Sinopse de *Aprender a Rezar na Era da Técnica*:** *Aprender a Rezar na Era da Técnica* conta a história de um cirurgião, Lenz Buchmann, que abandona a medicina para se dedicar à política. Tem a ilusão de poder salvar muitas pessoas ao mesmo tempo, em vez de salvar uma pessoa, de cada vez, no seu acto médico. A sua subida impiedosa no Partido do poder só é interrompida por um acontecimento surpreendente e definitivo. A mão forte que segurava no bisturi e nos comandos da cidade começa, afinal, a tremer. Depois de *Um Homem: Klaus Klump, A Máquina de Joseph Walser e Jerusalém*, *Aprender a rezar na Era da Técnica* mantém o mesmo olhar agreste e tantas vezes sombrio sobre a condição humana: «O que vês quando olhas para onde todos olham?»

**Duas recensões, nas páginas seguintes:**

Público/Ipsílon – 07/12/2007 (por Pedro Mexia);

Expresso/Actual – 08/12/2007 (por António Guerreiro).

# Livros

## Top Fnac Nacional

### Ficção

#### 1 Rio das Flores

Miguel Soares Tavares  
Oficina de Livro

#### 2 Harry Potter e Os Talismãs da Morte

J.K. Rowling  
Transpura

#### 3 O Sétimo Selo

José Rodrigues dos Santos  
Gravataí

#### 4 A Sombra das Óticas

Luiz Fernando Veríssimo  
Bábal

#### 5 A Princesa Que Eu Sou

Maria José Carvalho  
Amália

### Não Ficção

#### 1 O Segredo

Ruth Buzzi  
Lito de Papel

#### 2 Boca do Inferno

Antônio Araripe e Vitorino  
Tinta da China

#### 3 Ir Pro Mauá

Vasco Pachido Valadão  
Athenáea

#### 4 As Desumanas

Michael Ruzin  
e Michael Oz  
Lito de Papel

#### 5 O Anjo Mais Estrópido

Edson Barreto  
Gallivio

### FICÇÃO

## O reino animal

Depois do magistral "Jerusalém", Gonçalo M. Tavares encerra a tetralogia "O Reino" com um romance de ideias sobre a natureza, a natureza humana e a natureza da política. Pedro Mexia

A presidente da comissão  
da Rio das Flores:  
Gonçalo M. Tavares  
Guanabara, R\$ 19,90

★★★★★

Lenni Lichstein é um homem de prestígio. De ascendência eslava, é um ex- Oficial militar que vive em silêncio, vê a doença como um inimigo que se combate com seguidas cenas estomágicas e diarréicas. Lenni tem uma noção mecânica e nua de organismo. Por um lado, considera corporalmente sua vida técnica e espiritual. Por outro lado, enxerga a doença como uma ameaça ao caos. A doença é, para ele, o desafio que impõe uma sorte de progresso de uma sorte e negativa. Para enfrentar essa incerteza, só reconhece a competência técnica, uma vez que não se importa muito: "Isso é o que é preciso".

Uma dia, Lenni percebe que os políticos actuam segundo uma lógica que não é a sua, mas que também tem um poder muito mais vasto, uma vez que afeta toda a sociedade. Vai a uma clínica para tratar pessoas em toda a gente. Lenni chega com a intenção de encontrar deuses ou a civilização tal como ela existe. Encontra que é preciso mudar de rota: "Tudo o que é triste, fútil, deserto, sem vida, é que não serve de nada". Lenni quer a natureza e o homem um pouco mais rústicos que naquela sociedade. Enfrenta que, na nova ordem, a luta é necessária, mas que não é animal, conservador, é, e essa nova liberdade aumenta o desejo que os elementos que o rodeiam possam ser guardados. Assim sempre, por visão de humanos, (...) e imparcialidade. Lenni é, portanto, (...) mandante, de condições era a grande arme da natureza e, nesse sentido, a resistência é seu princípio (...). Ele sente, ao contrário do que dizia a filosofia hereditária, que não sobra o que não existe em algo de novo sob a pele" (págs. 42-51).



Aqui vai como ele expõe na cidade. É fraca, porque "aquele que é forte impõe-se àquele que é fraco". Lenni acha que só é forte quem é forte. Impõe a sua decisão a uma cidade inteira, como se fosse uma massa de gente, e não pessoas individuais. "Aquele levaria a opinião de quem é forte e o que é fraco", expõe Lenni. Ele sente que os outros querem o mesmo que ele querem. "Tudo é com isso se resolve", é insinuado. "Tudo é com isso se resolve", é insinuado. Lenni consegue se perfazer os medos reais e fictícios dos cittadins. Daí que Lenni não teme e, por isso, é capaz de escapulir de seus medos. Nada é assim passado de assumir fisicamente o poder quando escreve que seu imenso faral. O romancista tem como subtítulo "Popó no mundo de Lenni".

"Buchanan", porque todos a narrativa depende dessa posição materna. Não apenas a situação econômica, política, mas também social: diversidade, forma que se desloca, massa de gente, e não pessoas individuais. "Aquele levaria a opinião de quem é forte e o que é fraco", expõe Lenni. Ele sente que os outros querem o mesmo que ele querem. "Tudo é com isso se resolve", é insinuado. "Tudo é com isso se resolve", é insinuado. Lenni é, em mesmo tempo, um homem compassivo, quase enternecido, e um homem de ação, que não lhe dá os seus ensinamentos de capa da gaveta. Ele conhece a natureza, e amarrebolhe-a na natureza, mas também entende como a "bifurcação" se modifica a sociedade, os homens despidos. A crise é o seu passatempo, e nem muitas vezes um mês longo se resiste. E aquela da natureza é certa no

domingo, às 11h, viajar à Casa Grande, guiada por Agustino Ribeiro Machado, que falará sobre a edição comemorativa que acaba de sair na editora Bertrand, com ilustrações de Abel Manta. Às 17h, no Auditório do Centro Cultural da Unesco, o cantor Sérgio Samplio, Miguel Veiga apresenta a obra. No

romance, porque o escritor vê a técnica como uma das origens da moralidade contemporânea. Todos os Livros Pretos apresentam um mundo glauco, onde burgueses fascinados com o mal se imaginam pequenos ditadores. E o mal é cada vez mais uma esfera técnica, uma "competência" técnica. O Reino é o reino animal, um mundo de dominadores e dominados onde se mata por desporto ou por necessidade (Lenz faz as duas coisas). Ao pé desse mundo, há um outro, ancestral, o mundo religioso, que aparece aqui como sinônimo de conformismo e inficiácia e que acaba brutalmente recusado.

E no entanto, sem que tenha alguma aproximação ao pensamento religioso, o romance desmonta a ideologia da força, através da doença, ou seja, da mortalidade. A segunda metade do livro descreve um Lenz progressivamente debilitado, que perde a mobilidade, a memória, a lucidez. No final, a famosa "força" está concentrada num dedo, um dedo que nem força tem para que Lenz se suicide (como fez o pai). O homem "soberano" é

agora um dependente, e essa é a sua última e definitiva "posição no mundo".

Gonçalo Tavares mantém o estilo que conhecemos dos outros romances: capítulos curtos, numerados, com títulos à Musil, uma escrita seca e clara, itálicos com ênfases teóricas, multiplicação de episódios, personagens vindas de outros livros (aqui, Joseph Walser), elipses de cenas fundamentais. A posição no mundo de Lenz Buchmann é eficazmente descrita com o mal uso de recursos (a coreografia de um funeral, os homens que recolhem o lixo, a luz intensa dos últimos momentos). Tavares é capaz de transformar um episódio comezinho, como as pessoas à espera do comboio, numa reflexão sobre a relação entre o espaço e o tempo. E tem frases fortíssimas, como na cena elidida (Lenz a visitar o túmulo do pai): "aquele que vai morrer despede-se daquele que já está morto". É, aliás, isso que se joga em todo este romance: a substituição do divino por outras "técnicas" igualmente omnipotentes. E igualmente frágeis.

Este romance de Gonçalo M.  
Tavares coloca no seu centro  
grandes questões do nosso  
tempo. *Texto de António Guerreiro*

# A ordem do **ANIMAL**

**C**om este romance, completa Gonçalo M. Tavares uma tetralogia a que chamou «O Reino». É preciso não estar distraído e perceber que *Aprender a Rezar na Era da Técnica* não faz parte do caudal inócuo e ruidoso de produtos editoriais que se limitam a imitar as consabidas manhas da ficção narrativa.

Este livro tem consequências, modifica a paisagem, alarga o horizonte onde se configura a época histórica e literária, responde a um apelo que vem de outro tempo que não é o da estéril superfície da novidade.

O título não parece muito plausível para um romance e, em contrapartida, tem ressonâncias científicas e filosóficas bem marcadas. É um título que evoca claramente um dos mais conhecidos ensaios de Walter Benjamin (*A Obra de Arte na Época da sua Possibilidade de Reprodução Técnica*), mas onde podemos também encontrar alusões ao sociólogo Arnold Gehlen e a Heidegger. E o jogo das evocações não termina aqui. Quando passamos para a personagem principal, Lenz Buchmann, não podemos deixar de pensar no Lenz de Georg Büchner, uma curta e preciosa narrativa de carácter biográfico, baseada num episódio da vida de um escritor alemão do século XVIII, Jakob Michael Reinhold Lenz (e devemos reparar que o final do texto de Büchner — «E assim foi vivendo» — ecoa na última linha do romance de Gonçalo M. Tavares: «E agora ele foi; deixou-se ir»).

Mas enquanto narração de uma experiência de pensamento — eis o que este romance é, em muitos momentos, o que lhe confere um carácter de híbrido filosófico — podemos também pensar no Palomar de Italo Calvino; e é lícito evocar Ernst Jünger, não tanto por causa da referência à questão da técnica (aspecto, aliás, em que Gonçalo M. Tavares não está nada próximo do escritor alemão), mas porque a personagem de Lenz tem a dimensão pensante e abstrata de uma «figura», uma «Gestalt» no sentido de Jünger (recordemos a figura do Trabalhador enquanto «Gestalt» da época da «mobilização total» produzida pela dominação da técnica). Começamos assim a perceber que este romance convoca, num sofisticado diálogo e num jogo alargado de alusões, uma grandiosa constelação filosófica e literária. Um dos seus méritos é conseguir mergulhar em profundidade num universo de referências literárias sem se deixar neutralizar por um culturalismo oco e exibicionista — e poder ser lido, com igual proveito, por quem está fora do diálogo que nele se entretece. Por outro lado, se há aqui uma forte dimensão teórica e uma dimensão de conhecimento a que poderíamos chamar pulsão epistemológica, é sempre de um romance que se

trata e tanto aquilo que ele é capaz de saber, em acto, como o saber que, em potência, elabora são emanções de ordem ficcional. A narração de uma experiência de pensamento não invalida os mecanismos e as categorias da ficção.

O romance inicia-se com o que poderíamos chamar uma cena originária: o jovem Lenz é levado pelo pai ao quarto de uma jovem empregada e obedece a essa ordem: «Vais fazê-la à minha frente». A seguir a esta cena de iniciação, passamos para o Lenz adulto, já médico, levando às últimas consequências as maquinções que aquele «fazer» anuncia como programa: um programa antropotécnico — a acção instrumental e técnica sobre os outros e sobre si próprio — que desencadaria uma força brutal sobre a ordem do humano e da Natureza. Chama-se «Força» a primeira parte, a mais longa, na qual assistimos a uma série de brutalidades a que Lenz submete os mais fracos. E mais fracos significa, aqui, atavicamente vinculados à ordem da Natureza. As outras duas partes intitulam-se «Doença» e «Morte».

Habituados que estamos a pensar a técnica como meio fundamental da redução niilista (recordemos, por exemplo, Spengler e a sua teorização da fatal decadência da nossa civilização «austiana») e a raciocinar a partir da oposição entre Natureza e cultura, temos uma certa dificuldade em desembocarmos de humanismos, teologismos, biologismos primitivos e continuamos a protestar contra tudo o que não é a favor do homem, do espírito e da Natureza.

Mas este romance obriga-nos a mudar de ponto de vista: todo o humanismo foi superado e, neste sentido, o seu lugar é o do pós-humano. Lenz consegue ser absolutamente imoral porque toda a sua acção é «naturalmente» técnica, maquinica, inclinada a reparar, com o seu fazer e o seu produzir, as carências do dado natural, as falhas do organismo. Ele só reconhece um mal que é o da Natureza, «a maldade não civilizada» (pág. 183). Quando um doente lhe agradece o tê-lo curado e lhe louva a «bondade», sente-se insultado: o seu ideal é o da competência, jamais o da bondade, algo que está completamente ausente dos seus cálculos. Lenz não age sobre as outras criaturas em função de uma moral (se houvesse um gene da moral, ele, enquanto médico, quereria modificá-lo), mas segundo o preccito de que o homem não tem nada de natural, é um produto engendrado. Em suma: não há a Natureza e a cultura, o Ser e os artificios. O que há são criaturas que se encontram em situação de total ilegalidade ontológica. Assim, a doença não é senão o mesmo que a desordem interior das máquinas. E, por isso, atacado por uma doença fatal, Lenz tinha a ideia fixa de se matar: «Tinha o dever de só morrer sob a força do metal». Não conseguiu porque lhe faltou força no dedo para disparar o gatilho. A doença não o «humanizou», fez apenas com que as suas próteses entrassem em colapso.

aguerreiro@expresso.pt



**Aprender a Rezar  
na Era da Técnica**

Gonçalo M. Tavares

Caminho, 2007, 390 págs., €19